



## Uma narrativa para ir ao encontro de mim mesma

*Jane Soares de Almeida*

Neste ano de 2009, completei 43 anos de magistério. Terei feito a minha parte? Em que contribuí para a educação do povo deste País? Um País que é meu e que amo. O lugar onde nasci e criei meus filhos, enterrei seres amados e onde irei repousar para sempre quando minha vez chegar. Nesse dia, o qual espero ainda distante terei, talvez, tempo apenas para sentir a doçura do ar e de como o sol aqui nos acaricia a pele. E mesmo se houver chuva ou vento, ainda assim sentirei o sol. Este País é o meu Brasil que se cruza em imensos planaltos e planícies, é pontilhado de verde e de luz refletida em inúmeras águas. E seu povo, o meu povo brasileiro miscigenado em poderosas matrizes étnicas, também reflete em seu semblante as cores faiscantes dessa beleza. É para esse meu povo, que merece ser cuidado com carinho e responsabilidade, que dedico esta narrativa. A narrativa de uma educadora que, a cada novo grupo de alunos, recria para si a esperança.

### Os primeiros anos escolares: um mundo que se abriu

Fui introduzida no mundo das letras pela escola. O grupo escolar era pequeno e simples, era modesta a sala de aula, era formidável a professora e isso foi suficiente para meu aprendizado. No curso ginásial, no qual ingressei pelo antigo exame de admissão, o grande entrave para alijar as classes populares do prosseguimento de estudos, entrei em contato mais estreito com algumas disciplinas, entre elas uma que se tornou a minha predileta, a História. Não sei se foi pela professora, uma verdadeira artista em sala de aula, de uma atuação que me deixava boquiaberta, despertando-me o desejo de imitá-la! Era uma mulher,

dinâmica, enérgica e exigente. Tratava sua disciplina como se fosse a única do currículo e assistir suas aulas era como se uma máquina do tempo nos transportasse para cada local.

No entanto, a pessoa cuja influência foi decisiva para meu desejo de estudar, foi minha mãe que viveu sua infância na zona rural e, possuidora de escassa escolaridade, sempre foi uma exímia contadora de histórias. Minha mãe, pobre de letras, mas uma mestra na oralidade e com uma imensa riqueza de imaginação povoava meus sonhos infantis com as histórias de sua infância, das fazendas cafeeiras, dos coronéis, a família numerosa, os irmãos autoritários, as festas na roça, as mortes, os casamentos, a submissão das mulheres aos maridos. Nunca tendo ouvido falar em feminismo e direitos das mulheres, indignava-se ao lembrar das proibições de sair de casa sozinha, de atender a porta para estranhos, de conversar em público com rapazes ou de rebelar-se e levantar a voz. Dizia-me, resignada, que ter nascido mulher representava uma desvantagem, mas que o fato de ser capaz de gerar filhos tudo compensava. Circunscrita no limitado mundo doméstico e nos pobres horizontes culturais de uma pequena cidade interiorana, criou um universo mágico que embalou minha vida e povoou meu cotidiano acanhado com a presença dos fantasmas amigos do passado que, na escuridão da noite, evocados pela minha imaginação, aproximavam-se lentamente de minha cama, sussurravam coisas no meu ouvido e me estremeciam ao toque de seus dedos. Ainda hoje os tenho por companhia, principalmente quando a saudade dos que se foram (*e todos sofremos perdas ao longo da existência*), e a busca de um sentido para as separações irremediáveis colocam em meu espírito a angústia existencial do enfrentamento da minha própria finitude.

Eu fui uma criança solitária e tímida – os que hoje me conhecem podem até duvidar disso – e estava sempre adoentada, ora resfriados, dor de garganta, alergias e problemas vários que tiravam de mim a vontade de brincar e que hoje não lamento, pois abriram para mim o mundo dos livros. Filha mais velha de três irmãs, enquanto as outras duas brincavam sob o sol e a chuva, eu ficava no quarto lendo e quanto prazer isso me dava! Porém, o problema era conseguir livros. Na pequena Manduri não havia livrarias, nem

bibliotecas e o dinheiro raro vindo da única fonte de renda de meu pai, funcionário público, não se destinava a esses *luxos*. Assim, me via emprestando livros de professores e colegas para saciar minha vontade de ler. Monteiro Lobato embalou minha infância e os clássicos a minha adolescência. E foi com meu primeiro salário de professora que adquiri uma enorme coleção de livros capa dura de Júlio Verne e o paraíso ficou à minha disposição. Ainda hoje, no Natal, dia das mães e aniversários peço aos meus filhos, marido e amigos, livros de presente. E, alguma orquídea, claro, pois acima de tudo sou mulher!

Cursar a Escola Normal foi parte de uma decisão tomada segundo critérios de facilidade de acesso e como consequência natural da vida que levávamos numa cidade do interior, com poucas opções profissionais. Desses anos ficaram algumas noções pedagógicas abstratas e a experiência marcante dos estágios curriculares feitos nas classes do curso primário. Da criança que seria encontrada em sala de aula, das dificuldades de se fazer um trabalho pedagógico que levasse em conta os determinantes sociais, políticos e econômicos que permeiam o trabalho docente, nenhum professor jamais a isso se referiu. E foi uma jovem professora, despreparada pessoal e profissionalmente, que se dirigiu para a escola rural para ensinar crianças carentes, cheias de ansiedade e esperança.

Foi nas escolinhas da roça que se deu o meu despertar profissional. O fato é que eu, com alguma sensatez e muitos erros, dei conta de alfabetizar e ensinar meninos e meninas ao longo de alguns anos. Não sei como consegui tal proeza, até hoje isso me espanta em vista da minha inexperiência e movida apenas pela vontade. Em pouco tempo tornei-me exímia na arte de usar a lousa e o giz, desenhava em cores substituindo a falta de outros meios e, como minha mãe, fui também uma contadora de histórias para os pequenos ouvintes atentos. Fascinava-me ver as mãozinhas rudes e desajeitadas, mais afeitas ao cabo da enxada do que aos lápis e cadernos tentarem dominar a arte da leitura e escrita e vê-los debruçarem-se sobre as carteiras oscilantes, compenetrados, tentando decifrar as primeiras letras. Eles eram o sal da terra. Como cantou Cecília Meirelles, “*fortes e simples*”

*como as pedras*” me mostraram o sentido da solidariedade. Rijos como a natureza, os pés coloridos pela lama vermelha que se entranhava entre seus dedos, pisavam determinados os degraus da entrada de minha sala de aula e seus olhos de muitas cores me fitavam com confiança e afeto a cada nova manhã. Respeitavam-me pelo conhecimento que julgavam que eu possuía, aquele conhecimento adquirido na escola e na cidade. Esperavam algo de mim e essa esperança era tão transparente, tão límpida, que não pude deixar de senti-la e de tentar corresponder. Iniciou-se assim, uma história de amor que ainda não teve um final, e talvez seja por isso que eu acredito e continuo tentando.

Esse início foi determinante na minha vida profissional. Se a princípio a escolha se efetivou por circunstâncias e opções reduzidas, a decisão de permanecer no magistério foi uma escolha. Eu ensinava meus alunos a ler, escrever, fazer contas, a conhecer o seu país e a vida nas cidades. Em troca, eles me ensinavam como colher mangas no pé, como pescar no ribeirão e apanhar pombas em armadilhas. Aprendi a adivinhar quando ia chover e se durante a noite cairia geadas, aprendizados que infelizmente se perderam na voragem dos anos e da vida. Eu lhes contava sobre o descobrimento do Brasil, sobre a escravidão, os índios e eles narravam-me casos de assombração, dos lobisomens nos cafezais, dos afogados dos rios e dos defuntos vivos que apareciam na Semana Santa, deleitando-se, deliciados, com meu medo e credulidade. Nesse momento me enxergavam não mais como a professora, mas uma jovem que ainda tinha medo do escuro e na zona rural, mesmo cravejadas de estrelas, as noites podiam ser muito escuras e silenciosas.

Meus alunos explicavam-me como era a arte de fazer pamonha com o milho verde e quando era o tempo das jabuticabas, quais insetos tinham veneno e onde cavar para encontrar minhocas para as pescarias, que nas pitangas costumava haver bichos brancos e pequenos chamados “*corós*” e que havia uma mosca que botava ovos em nossa pele e ali mais tarde nasciam larvas que iam comendo-nos por dentro e possuía um nome asqueroso “*berne*”. Onde buscar as origens etimológicas dessa brasilidade cabocla rica e fértil, com nomes metafóricos e

escatológicos que me deixavam quase em pânico? Apontavam para o horizonte anunciando um dia seguinte muito frio, reparavam comigo os bagos suculentos da jaca madura, traziam-me grossas fatias de pão feito em casa e mostravam o bosque onde alguém tinha se enforcado e que ainda guardava os sons arrepiantes de seu delírio suicida. Foi um tempo de inocência e riso.

Os anos que lecionei na zona rural ensinaram-me a maior parte do que hoje sei e sinto acerca do povo de nosso país, não importa se seus pés rudes se espalham pelos sertões paulistanos, nos pampas gaúchos, nas praias pantaneiras, no verde amazônico ou nas caatingas nordestinas. Ou se caminham apressados pelos calçamentos das metrópoles desenvolvidas ou pelas inigualáveis praias de nosso imenso litoral. Temos em nossa pele multicolor os testemunhos da mestiçagem e nosso sangue está eternamente misturado desde a colonização. E minha alma fica pálida e dolorida quando penso que ainda há entre nós espaço para a discriminação e a desigualdade.

As crianças vinham de longe, filhos de lavradores, meeiros, vaqueiros, criadores de porcos e galinhas, pescadores de água doce, amansadores de cavalos. Vinham de família numerosa, moravam em casas de pau a pique ou de barro, onde nas frestas se escondiam os temíveis barbeiros e conviviam com cobras e aranhas. Tinham os cabelos infestados de piolhos, arranhões nos braços e nas pernas resultantes do mato que atravessavam todos os dias no trabalho na lavoura. Onde viviam não existia eletricidade, nem água encanada, nem conforto. Às vezes uma fruta aparecia misteriosamente na minha mesa de trabalho, uma oferta de amor anônima de uma criança envergonhada e carente de afeto, o que me comovia e angustiava, pois a pergunta continuava se impondo, *o que poderei fazer por vocês?*

De algum modo sobrevivi aos primeiros anos e pelas minhas mãos agora mais afeitas à lousa e ao giz, passaram os pequenos filhos da terra, conhecedores do tempo e da colheita, da seca e do granizo e eu também pude conhecer a natureza que alimenta e faz sofrer. Não poucas vezes, sentei-me com a cabeça entre as mãos e com lágrimas que teimavam em me queimar os olhos na minha pequena escolinha da roça, olhando o futuro deste País sentado

em toscas carteiras de segunda mão, refugio das escolas da cidade, a debater-me com a falta de material escolar, com minha falta de jeito e com a merenda que não era entregue e eles tinham fome! Eles tinham fome, eu tinha que cozinhar e ensinar. Pelos manuais oficiais eu tinha que ensinar e eles tinham fome de comida e de saber, um saber autêntico que eu não era capaz de lhes proporcionar porque também não o possuía. Eles incorporavam um saber originado do contato com a natureza, da herança cultural estabelecida há décadas e passadas por gerações; um saber ao qual eu, uma estranha vinda do mundo urbano, mantinha uma relação de distanciamento; um saber em bruto, porém não menos autêntico. Eu queria encontrar a pertença que possuía de direito, mas estava ausente de minhas origens e era um custo intentar recuperá-las. Hoje penso: será que eu considerava esse saber como uma manifestação menor de um grupo social rudimentar que deveria ser introduzido numa cultura que não a sua? Ou apenas estava com dificuldades de interpretar seus códigos?

## A universidade como um sonho a ser alcançado

Estudava para o vestibular no tempo que sobrava de ir dar aula na zona rural, da viagem diária por caminhos de pedras e lama que percorria num velho jipe Aero Willys, ano 1951, verde como minha esperança. Nos anos de 1960 as professoras primárias não podiam lecionar por mais de um período. Para aumentar o salário exíguo, instalei num quartinho no fundo do quintal de minha casa uma *escolinha* para preparar crianças para os exames de Admissão ao Ginásio e conseguia dobrar meus ganhos. No dia do vestibular, amanheci com quase quarenta graus de febre devido à infecção causada por uma picada de inseto quando estava dando aulas na zona rural. E por incrível que pareça fui aprovada em primeiro lugar, o que me inflou o coração de orgulho! Um orgulho que se espelhou nos olhos de meus pais, duplamente, pois pessoas pobres valorizam o estudo que é a única maneira de sair de um cotidiano vaticinado e o caminho para um futuro que não a rotina de dias sempre iguais, sem esperança e sem horizontes.

Para poder continuar trabalhando tive que optar pelo curso noturno e viajar mais de 150 km todas as noites por uma rodovia mortal para assistir as aulas. Era 1968, um período de transtornos políticos e sociais no País. Os militares nos vigiavam nas salas de aula, armados e atentos aos gestos, às falas e até mesmo aos pensamentos. Não podíamos discutir temas *subversivos* e não tínhamos nenhum acesso a determinado tipo de leituras que fossem *perigosas* para nossa formação, não podíamos cantar as músicas banidas de autores exilados. Os professores vinham e sumiam sem qualquer explicação e era difícil entender o que estava acontecendo, principalmente pela ausência de informações. A primeira impressão que tive da faculdade foi que devia ser um lugar muito seguro - *pois lá dentro tantos militares armados com submetralhadoras nos guardavam contra as ameaças vindas de fora!* Até hoje lembro da expressão do meu pai quando lhe falei isso!

O Brasil se tornara o país do “*ame-o ou deixe-o*” e nós acreditávamos! Somente mais tarde entendi; as vozes podem ser caladas, mas não os sussurros nos corredores e nos banheiros, as histórias contadas em meio ao medo, a música que falava pelo povo. Nos festivais Chico Buarque cantava “*apesar de você, amanhã há de ser outro dia*” e Geraldo Vandré era repetido no refrão, “*vem vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer*”. E lembro-me ainda hoje de Vítor, um veterano do curso de Letras, que mancava pelos corredores após ser interrogado pela polícia, os seus gemidos, a dor em sua face. Ele sabia pintar, me deu um quadro e era lindo!

Terminei a faculdade em 1971, quando a Lei 5692 impunha mudanças substantivas na educação e era objeto de discussões nas universidades e nas escolas. O regime militar endurecia sob a mão de ferro do general no poder. Jovens estudantes eram mortos como terroristas, artistas saíam do país, professores e jornalistas eram presos. Nesse ano estava casada e terminava o curso de Pedagogia. O Brasil, mais do que nunca, vivia um momento político de repressão e a tortura ganhava força nos porões da ditadura. Enquanto jovens da minha idade lutavam na guerrilha e morriam em nome da democracia, eu trocava fraldas no meu primeiro filho.

Sempre tive necessidade de estudar. Viver às voltas com livros e trabalhos escolares fazia parte intrínseca da minha vida, assim decidi fazer outro curso superior. Foi num momento em que a Educação Artística era introduzida nos currículos escolares e fui cursar a Faculdade de Artes. Descobri assim, mais uma paixão: a Arte e a História da Arte. As freiras que dirigiam o colégio eram primorosas em bom gosto e sentido estético e mergulhei por três anos em tintas, verniz, tapeçaria, madeiras e metais. Foi um período produtivo, de descobertas no terreno artístico que me levaram a concluir que a vida é uma sucessão de idas e vindas e que o processo do conhecimento é ininterrupto.

Por essa época, meu segundo filho estava para nascer. Como exercer a profissão com filhos pequenos para cuidar? Quase em seguida, meu terceiro filho veio preencher meus dias com mais trabalho e uma grande plenitude.

Após alguns anos, decidi que precisava fazer algo diferente, que preenchesse meus dias com novos objetivos e resolvi abrir uma escola de educação infantil. Foi um período ameno que trouxe muita experiência e permitiu que eu levasse meus filhos comigo. Na época eu me debatia no velho conflito feminino de conciliar a vida doméstica e a vontade de ter uma profissão. A saída foi construir um espaço próprio onde eu pudesse atuar profissionalmente e ter meus filhos por perto. Durante algum tempo tudo parecia dar certo. E foi também quando descobri que casamento e felicidade, diferentemente dos contos de fadas, nem sempre andam juntos.

Alguns meses depois surgiu a oportunidade de dar aulas numa escola de 2º grau e, repentinamente, vi-me à frente de uma classe do curso de formação de professores. A Escola Normal que eu tinha freqüentado transformara-se na Habilitação Específica para o Magistério. Era um curso técnico, reprodutor de receituários pedagógicos, destinado a preparar os futuros professores para as quatro séries iniciais da escola de 1º grau, cursada em oito anos obrigatórios, de acordo com as recomendações da Lei 5692/71. Não mais possuía a antiga especificidade formativa, nem se distinguia das demais habilitações de 2º grau. Assim que comecei a lecionar na habilitação específica de 2º grau para o magistério, percebi que eram pouquíssimos os rapazes que ainda procuravam o



curso e, aos poucos, eles foram rareando, até que as minhas classes tornaram-se inteiramente femininas. O Curso de Pedagogia houve por bem acrescentar informações à minha experiência docente, mas agora a tarefa era dupla: *eu tinha de ensinar as futuras professoras a ensinar*. Se o fiz bem não sei, ainda hoje meus dias são de dúvida, embora me arrisque a dizer que penso ter sido uma boa professora, vários cartões de prata presenteados na formatura de cada turma testemunham gratidão e afeto. Há um que diz: “enquanto houver um ideal, você permanecerá em nossos corações”. Eu o tenho em meu escritório. É para essa frase que olho sempre quando tenho dúvidas acerca dos meus acertos e me debato no eterno diálogo com meus erros.

O trabalho com as classes do magistério revitalizou-me e pude finalmente dar livre curso à criatividade e até a uma certa ousadia. Estava mais madura profissionalmente, minha vida pessoal exigia de mim atitudes enérgicas e repentinamente o velho, o antigo amor ali estava e meus dias repletos de entusiasmo e de vontade de realizar coisas. As alunas correspondiam e nessa reciprocidade recomecei a acreditar.

Apesar das aulas no magistério serem satisfatórias, atravessava, às vezes, momentos de desânimo. Os anos estavam passando e ainda não construía um espaço profissional próprio. Criada por minha mãe para ser independente, não conseguia ter um salário regular, nem exercer com segurança a profissão que tanto gostava. Eram as dificuldades do dia a dia se cruzando com a vontade de fazer parte do espaço público e criando barreiras para a realização profissional, fato bastante familiar para as mulheres.

A pós-graduação era um sonho acalentado e nunca concretizado, pois as aulas, os filhos e a casa tomavam todo meu tempo. Mesmo assim, consegui inscrever-me em História e Filosofia da Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, fui aprovada e não fui fazer a matrícula. Naquele momento isso foi impossível, eu ainda era dependente financeiramente para criar meus filhos e minhas asas estavam cortadas.

Os anos de 1970 foram passados entre fraldas e mamadeiras, entre cuidar do jardim e ver televisão. Na década de 1980 eu estava novamente lecionando e tinha três filhos, um em idade

escolar e dois outros muito pequenos. As aulas na Habilitação Específica para o Magistério e a profissão materna ocupavam todo meu tempo. Tudo poderia ter permanecido sempre assim, mas, como disse Heráclito, nada permanece, tudo se transforma. Após doze anos, meu casamento terminou e me deixou três meninos para cuidar, educar, orientar e fazer crescer saudáveis e corretos. Foi talvez o maior desafio que enfrentei em minha vida.

Aos poucos, fui me fortalecendo como pessoa e profissional. A educação escolar passara a ter um lugar importante no meu cotidiano e era objeto de minhas preocupações e reflexões. Lia e estudava mais, procurava atualizar-me para corresponder às expectativas das minhas alunas. Meus filhos e o magistério eram o que mais importava na minha vida, além disso, eu tinha que chefiar minha casa e dirigir nossos destinos.

Em meados dos anos oitenta minha vida sofreu uma reviravolta em todos os sentidos e vi-me mudando de casa, de cidade e de trabalho. Em 1985 estava desanimada com a falta de possibilidade de efetivação na carreira, a precariedade profissional como professora admitida em caráter temporário, a oscilação do número de aulas, tinha feito inscrição para o concurso de preenchimento de função docente na Unesp de Araraquara e fui aprovada. Após um ano de espera, saiu minha contratação e novamente o velho e conhecido sentimento de sobressalto e apreensão tomou conta dos meus dias, estaria eu preparada? Vir para Araraquara introduziria mudanças significativas na minha vida e na dos meus filhos. Eu teria que enfrentar uma cidade desconhecida, um novo trabalho, desafios profissionais... Venceu a determinação e a vontade de conseguir.

Após oito meses viajando todas as semanas, enfrentando o difícil trânsito da rodovia Araraquara-Jaú, os lentos e pesados caminhões de cana, os motoristas apressados, a chuva, as queimadas de cana escurecendo o céu, os buracos no asfalto, o silêncio no carro, decidi mudar de cidade. Coloquei no caminhão de mudança os móveis, os livros e as roupas; no velho Chevette ano 1978, dois meninos excitados e um adolescente revoltado, mais dois gatos, uma cachorrinha preta e um aquário de peixes que morreram no caminho sob o terrível calor de janeiro de

1987. Como sempre, nessa hora, minha mãe estava ao meu lado e dizia-me sua frase preferida: *paciência, pois tudo passa!*

## As possibilidades de um novo caminho

Os primeiros meses foram difíceis. A adaptação à nova escola tornava meus filhos irritadiços e inseguros, a cidade parecia hostil como costumam ser as cidades interioranas, precisava me familiarizar com os colegas de departamento e dar conta de duas disciplinas: a Prática de Ensino de 1º grau com 120 horas de estágio supervisionado por aluno e a Prática de Ensino de 2º grau com 90 horas de estágio supervisionado por aluno. As classes eram grandes e os alunos tinham sérias dificuldades para realizar os estágios. A rotina universitária e suas reuniões constantes e debates inflamados me atordoavam e eu precisava de tempo para compreender como as coisas funcionavam.

Não foi fácil trabalhar as práticas de ensino no curso de Pedagogia. Como ponto de convergência das demais disciplinas do currículo, a Prática de Ensino promove um trabalho interdisciplinar que engloba não só as escolas onde os alunos realizam os estágios, como os demais docentes do curso, o que torna o seu desenvolvimento extremamente complexo em todos os sentidos. Além disso, sob o ponto de vista da prática docente, o desempenho profissional revela-se quando o professor assume sua própria classe, o que torna as atividades durante o curso de formação revestidas de uma certa artificialidade difícil de ser contornada. Mas ao mesmo tempo, não há como prescindir da significativa experiência para os alunos, representada pela docência supervisionada, quando colocam em prática sua criatividade e recursos teóricos e metodológicos proporcionados pelo curso. Durante as aulas no 3º ano de Pedagogia constatee que este continuava um curso procurado pela maioria feminina e foi por essa época que comecei a interessar-me pelos estudos de gênero na educação escolar.

No mestrado em educação, cursado na Universidade Federal de São Carlos, sob orientação da profa. dra. Ester Buffa, considerei que o caráter essencialmente feminino do magistério, principalmente nos seus anos iniciais, sugere que não há como

desvincular as propostas de profissionalização do curso da condição feminina, como tem sido comumente feito. O mesmo se deu no doutorado, cursado na Universidade de São Paulo e orientado pelo prof.dr. Antonio Joaquim Severino. Ambos os cursos foram realizados com bolsa CAPES e CNPq. A tese de doutoramento foi defendida em 1996 com o nome: *Mulher e Educação: a paixão pelo possível*, publicada posteriormente pela Editora da Unesp, em 1998. Nesta, debrucei-me definitivamente sobre o aspecto histórico da feminização do magistério no Estado de São Paulo, e utilizei-me da imprensa periódica feminina e educacional publicada entre 1868 a 1930, assim como registrei memórias de professoras primárias que lecionaram nos anos 30 e 40 do século XX. Fui também buscar em Portugal, em estágio orientando pelo prof. dr. António Nóvoa da Universidade de Lisboa, na modalidade Doutorado SW, financiado pela Capes, a influência da herança portuguesa na educação feminina. Uma vez em Portugal, pela primeira vez separada dos meus filhos, pude em muitos anos dedicar-me a mim mesma e aos meus estudos. Durante a semana eu pesquisava nos arquivos e bibliotecas, no domingo, único dia livre, eu chorava de saudades e ia ao cinema.

No dia da defesa da tese de doutorado (*embora eu ainda não pudesse saber*), eu estava despedindo-me de minha mãe. Minha mãe, cuja foto quando muito jovem coloquei entre outras fotografias antigas nas páginas da minha tese, ficou com os olhos cheios de lágrimas quando lhe ofereci um exemplar. No dia 12 de abril de 1996, ela estava com uma roupa azul que refletia o céu e no seu semblante, repleto de orgulho, eu vi a mim mesma. Depois das extenuantes horas da argüição eu falei pouco, estava cansada, depois teríamos mais tempo para conversar, naquele momento eu só queria ficar calada, pensar um pouco, aliviar a tensão. Ela olhava para mim cheia de amor e preocupação perguntando por que eu, normalmente tão falante, estava assim tão quieta. Foi a última vez que a vi.

Dez dias depois da defesa da tese, embarquei para os Estados Unidos para fazer meu pós-doutorado na Graduate School of Education da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos.

A experiência que isso me trouxe demandaria longo tempo para ser contada. A língua, o modo de vida, o acesso às bibliotecas foram fatos marcantes nesse período. Luis Fernando, meu marido já estava lá há seis meses como *visiting scholar* no David Rockefeller Center. Meu filho mais novo, Marcos Renato que se preparava para prestar vestibular foi comigo e deixei Mário André, o do meio em Araraquara e Sandro, o mais velho em São Paulo. Fomos morar em Boston, em Beacon Hill, antigo bairro de típicas casas de tijolos vermelhos, num pequeno apartamento de um quarto. Eu havia solicitado bolsa de pós-doutorado à FAPESP com o projeto: *Escolas Americanas Protestantes em São Paulo (1870/1930): trabalho feminino e coeducação*, e esta fora concedida por um período de seis meses.

Pesquisar em bibliotecas norte-americanas do nível da Widener Library ou da Schelesinger foram momentos extremamente preciosos que me marcaram como pesquisadora. Esta última biblioteca foi uma doação do casal Schelesinger em memória de uma filha. É inteiramente dedicada à temática feminina. O local é esplêndido, amplas vidraças, sofás onde podia deitar e ler, música ambiente suave, acesso irrestrito aos livros e mesmo aos documentos preservados com vários leitores de microfilmes disponíveis para o exame e posterior impressão. No material que trouxe de Harvard University ainda hoje baseio minhas pesquisas, tal sua quantidade e qualidade.

O professor Vito Perrone, meu *sponsor* na Graduate School of Education, foi de valiosa ajuda, assim como os demais professores dessa faculdade. Ali fiz amigos, conheci resultados de pesquisa na área de gênero e me fortaleci como uma professora estrangeira num reduto de excelência como Harvard. Ainda hoje tenho vívida a lembrança de atravessar de metrô a ponte sobre o Charles River de onde se avista o prédio do MIT e do rangido da neve sob meus passos nos jardins do campus universitário. E do deleite que era percorrer os longos corredores silenciosos das bibliotecas, com aos braços carregados de livros e periódicos, onde passava o dia inteiro.

Uma semana antes de voltar ao Brasil recebi um telefonema: *minha mãe havia morrido*. Era dia 7 de setembro de 1996.

Foi-se sem aviso, um ligeiro suspiro, um coração que parou mansamente. Uma morte abençoada para quem abençoou e iluminou minha vida. E mais sobre isso não posso falar.

## Tempo de colher os frutos

Ao retomar minhas atividades no departamento de Didática da Faculdade de Ciências e Letras em 1996, solicitei ao Conselho do Departamento a mudança de área. O conjunto das disciplinas Estrutura e Funcionamento do Ensino Fundamental e Médio me atraíam, pois me proporcionavam uma oportunidade melhor de trabalhar meu rol de conhecimentos, imbricados com a Política Educacional Brasileira e a História da Educação, transitando entre o Curso de Pedagogia e as licenciaturas.

Nos anos seguintes, com bolsa em produtividade em pesquisa do CNPq, pude dar prosseguimento às minhas investigações na área de História da Educação, História das Mulheres e Estudos de Gênero, tendo publicado livros e artigos dentro dessa temática. Situo entre os principais *Mulher e Educação: a paixão pelo possível* (1998) e *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* (2007). Esse último e mais outros dois livros marcantes escritos em parceria com os colegas Dermeval Saviani, Rosa Fátima de Souza e Vera Teresa Valdemarim foram *O legado educacional do século XIX* (2007) e *O legado educacional do século XX no Brasil* (2006), foram publicados quando eu já estava trabalhando na Universidade Metodista e referendaram minhas pesquisas na área de História da Educação, em especial História das Mulheres e Estudos de Gênero.

As pesquisas realizadas nos Estados Unidos deram origem à tese de livre-docência apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da Unesp em junho de 2000, como parte dos requisitos para obtenção do título de professora-adjunta. Nessa pesquisa, ao estabelecer interfaces com a educação e a religião, foi necessário ampliar os recortes culturais e ideológicos, assim como as representações simbólicas que se estabelecem nas sociedades através das relações de gênero. Isso implicou na adoção de gênero como categoria explicativa mais flexível para situar a análise tendo em vista as relações de poder que se estabelecem entre os sexos, nas quais as

mulheres representam a parcela sobre a qual se exerce a dominação sexual. A religião se insere na cultura de uma determinada sociedade ao edificar regras e valores, ditando hábitos e costumes, regrando os corpos e esculpindo as mentes, organizando assim uma escala axiológica que dita comportamentos e estabelece uma teia inconsútil nas relações entre homens e mulheres, onde estas últimas convergem para si o imaginário social que lhes atribui simbologias próprias ao que se espera de seu sexo. A educação representa um veículo pelo qual a cultura e a religião alicerçam seus valores e transmitem a ideologia de uma época.

Com o envolvimento na pós-graduação e tendo recebido alunas de iniciação científica, mestrado e doutorado com interesse em realizar pesquisas na área de educação e gênero, e outros voltados também para a religião fui, aos poucos, alicerçando uma área de pesquisas específica sobre essa temática. Com a conclusão da Tese de Livre-Docência elaborei novo projeto de pesquisa: *A coeducação dos sexos no Brasil: um estudo comparativo entre Portugal e Espanha (1870/1930)*. Obtive financiamento da FAPESP para um período de pós-doutorado na Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha, onde estive durante o período de novembro de 2001 a abril de 2002.

A vida em Barcelona foi mais aprazível que nos Estados Unidos. Foi no período em que se implantou o euro como moeda européia. Luis e eu levamos os dois meninos e Júlia, a filha dele para passar esses meses conosco. Alugamos um apartamento espaçoso em Badalona, um lindo distrito de Barcelona com excelente meio de transporte, onde se hospedaram os jornalistas e atletas durante as Olimpíadas. Nesse período, aproveitamos para viajar durante as festas de fim de ano pela Europa para que nossos filhos pudessem conhecer outros países. Gostaram tanto que não queriam mais voltar. Naquele ano a Facultad de Educación da Universidad de Barcelona estava em greve, assim pouco contato tive com os professores a não ser o professor Pere Solé Gussinyer que me recebeu na instituição. Eu já possuía bastante experiência em pesquisa e fluência na língua espanhola pelo contato estreito com a família Argentina e coletei vasto material para minhas pesquisas.

De volta ao Brasil dediquei-me ao trabalho com afinco, mas algo em mim parecia quebrado, era como se precisasse de novos desafios e me sentia deslocada no departamento. Não entendia bem o que me estava acontecendo e pensei que estava na hora de parar de trabalhar, afinal eu dava aulas desde 1996, já havia cumprido minha parte. E foi assim que me aposentei. Foi difícil, sofrido e incompreendido, porém estava na hora. Despedi-me da Unesp numa tarde de verão escurecida pela chuva – *que ganas de llorar em esta tarde gris* - tocava este tango no rádio do meu carro quando saí e olhei várias vezes para trás. Naquele momento olhei também para dentro de mim mesma e me faltaram pensamentos. Em meu peito repousava um profundo silêncio.

## E os frutos estão aqui

Não foi possível ficar longe do ambiente escolar por muito tempo e há cinco anos transito pelos mesmos corredores familiares de outra universidade, embalada pelo ruído constante das vozes dos alunos e alunas carregados de livros e sonhos – a Universidade Metodista de São Paulo.

Chegar a São Bernardo do Campo para quem mora no interior paulista é uma longa viagem. Há que vir de Araraquara pela rodovia Washington Luiz e Bandeirantes por 300 km, chegar na Marginal Tiête, atravessar São Paulo e o trânsito caótico, enfrentar motoristas agressivos e o medo de assalto. No início eu tinha receio de dirigir à noite, dos dias de chuva forte, de me perder no caminho. Hoje tudo mudou. Tornei-me exímia no caminho de todas as semanas, de dirigir pela Via Anchieta ao lado de caminhões gigantesco e não mais sentir medo! E quando dirijo meu carro entre os velozes e furiosos motoristas paulistanos e até ajo como eles, me sinto forte e vencedora.

No Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista pude dar continuidade às minhas aulas e às minhas pesquisas. Um curso de Mestrado sério e competente que cada vez mais se fortalece e se torna reconhecido no meio acadêmico. A Faculdade de Direito e Humanidades é um lugar agora conhecido para onde vou com prazer ao encontro com os colegas que se tornaram amigos e com os alunos e alunas com



quem estabeleço uma agradável relação de afeto e parceria. Todos são iguais e mesmo assim diferentes. E eu sou uma nova pessoa, renovada pelo prazer de fazer o que sempre fiz: lecionar e pesquisar. E a cada dia eu me lembro que, apesar da inexorável passagem do tempo, ainda tenho coisas a fazer e minha crença na educação se mantém inabalável.

Desses dias que se passam em descobertas e reafirmações, a presença sempre alegre e amiga da Zeila Demartini a quem já conhecia pelos seus trabalhos relevantes; da Marília Duran, que era a coordenadora e a quem muito admiro e prezo pela sua competência e seriedade profissional; a Nori, amiga de outra vida e trabalhadora incansável; Danilo, com sua postura filosófica e que tenta sempre nos confundir; Elydio e a peculiaridade com que se porta e é seguidamente um exemplo de ética profissional e decência pessoal; Maria Leila, sempre empenhada em fazer com que todos se sintam bem; os professores Joaquim e Décio por sua seriedade profissional e a nova colega Roseli Fishman com quem espero compartilhar nossas descobertas no terreno dos temas das pesquisas que temos em comum e cuja presença tranqüila me dá prazer desfrutar. A comemoração destes 10 anos do Programa de Pós-Graduação em Educação e a publicação desta edição com os memoriais do corpo docente, será um alicerce do que pretendemos ainda realizar futuramente.

Na Universidade Metodista verifiquei que ainda teria muito que aprender quando comecei a dar aulas no curso de Educação a Distância. Acostumada ao contato com os alunos nos cursos presenciais, em 2007 me vi num estúdio, em frente a duas câmeras e falando para elas. Foi um dos meus grandes desafios conseguir superar a barreira do distanciamento para estabelecer com os alunos e alunas de vários estados do país aquele contato tão necessário e fundamental para o ensino e a aprendizagem.

A primeira teleaula foi dada em clima de coração batendo forte e muita insegurança. Porém, num determinado momento, não vi mais as câmeras nem os assistentes de estúdio, nem o diretor. Vi estudantes ávidos por aprender me olhando dos mais distantes pólos do nosso vasto território e esperando de mim aquilo que tanto necessitavam: conhecimento e educação de

qualidade. Não via seus rostos, mas os sentia. Sentia seus olhos pousados em mim quando lhes falava da História da Educação Brasileira e das ideias pedagógicas ao longo dessa história. E passei a falar para eles, olhos nos olhos, apesar da distância, e desde esse momento com eles estabeleci o mesmo entendimento mútuo que tive com meus alunos dos primeiros anos como professora. Consegui rir, falar, brincar, lhes enviar beijos quando me mandavam boas perguntas. E isso aqueceu meu coração com o mesmo sentimento de solidariedade e compromisso de mais de quarenta anos atrás. Hoje, quando piso no estúdio para mais uma teleaula ao vivo, estou realmente entrando numa sala de aula e falo com eles e eles falam comigo – nada mudou e ao mesmo tempo quanta mudança!

E concluo que quando nos mantemos ativos e nosso tempo sempre é curto para tudo que queremos fazer, mais conseguimos produzir. Sem o incentivo de estar num programa de pós-graduação no contato gratificante com os colegas e os alunos não conseguiria ter tanta motivação para dar aulas, produzir textos, livros e publicá-los. E aprendi mais uma coisa valiosa: na profissão docente e na investigação científica não há limite de idade, enquanto nossa mente se mantém ativa nosso corpo também corresponde.

## **Ao concluir esta narrativa sou outra e a mesma pessoa**

Ao longo de tantos anos as atividades que realizei e realizo formaram em mim uma ideia de universidade que acato plenamente. Uma universidade brasileira pode crescer harmoniosamente e em acordo com o que dela se espera em termos de qualidade de ensino, pesquisa e prestação de serviços. Uma universidade que tem um rico potencial humano e de infra-estrutura, cuja contribuição à ciência em nosso país tem se revelado inestimável e que tem um grande futuro pela frente.

Desde minha entrada no doutorado, as questões de gênero e educação passaram a fazer parte de minhas pesquisas, assumindo um direcionamento voltado para um campo que revela excelentes possibilidades investigativas. Há um significativo po-

tencial de se pesquisar um universo onde se ancoram as tessituras das relações humanas onde homens e mulheres interagem como sujeitos históricos. Pude assim dar continuidade às pesquisas sobre gênero, história da educação e formação de professores que é o que venho fazendo há tantos anos.

O conceito de gênero foi originário da crítica teórica feminista a partir da constatação de que o feminismo e seu confronto com os mecanismos de dominação e subordinação levavam à emergência de novas categorias analíticas que não se encaixavam nos paradigmas clássicos e que esses paradigmas não conseguiam elaborar modelos explicativos mais flexíveis para analisar a situação específica da mulher como sujeito social e histórico. Embora num sentido mais restrito, o conceito de gênero se refira aos estudos que têm a mulher, a criança, a família, a sexualidade, a maternidade, entre outros, como foco de pesquisas; num sentido amplo, o gênero é entendido como uma construção social, histórica e cultural, elaborada sobre as diferenças sexuais e às relações construídas entre os dois sexos. Estas estão imbricadas com as relações de poder que revelam os conflitos e as contradições que marcam uma sociedade onde a tônica é dada pela desigualdade, seja ela de classe, gênero, raça ou etnia. Com isso se permitiu alguma visibilidade a movimentos sociais emergentes cujo objetivo era a denúncia contra a discriminação, impondo-se a necessidade de um olhar diferenciado para as ambigüidades da ordenação social.

Num mundo que passou a reconhecer a existência da diversidade e das diferenças, a globalização, fenômeno emblemático dos anos finais do século XX, manteve a exclusão em todos os níveis, mesmo no início do século XXI. No entanto, a intenção de se construir uma nova ordem social que incluía uma relação cooperativa e solidária entre os sexos, classes sociais e etnias tem sido contemplada nas agendas políticas, embora não com a amplitude que seria desejável. No caso das relações de gênero tal intencionalidade se reflete na necessidade de democratizar as relações familiares, combater a violência doméstica e no mundo do trabalho, rejeitar atitudes e propagandas discriminatórias e abusivas e incluir as mulheres no acesso aos bens econômicos e

culturais, de forma a promover seu desenvolvimento como atores sociais com inserção individual e coletiva. A utilização do termo implica, portanto, numa rejeição às diferenças assentadas simplesmente no aspecto biológico e demonstra, por parte da perspectiva teórica feminista, uma absoluta rejeição aos enfoques naturalistas que envolvem a aceitação da categoria implícita de subordinação da mulher ao homem baseada nas estruturas biológicas de cada indivíduo de uma mesma espécie.

Quando as mulheres deixam de ser vistas como sujeitos históricos e produtivos, significa que a sociedade alija das esferas de poder aproximadamente metade de seus membros. E quando se impede, de forma objetiva e/ou simbólica, a educação plena e a ascensão social de indivíduos por conta do sexo e da cor da pele derivada do estigma da nódoa histórica da escravidão, também se alija do processo produtivo uma significativa parcela da população, notadamente no Brasil por conta do caldeirão étnico do país. Se somarmos a esses dois problemas, por si só causadores de desigualdade, alinhando gênero, raça e classe social, mais a violência e a pobreza, é possível o desenho de um quadro geral propício para a manutenção do subdesenvolvimento, explicitado pela desigualdade como principal fator gerador.

Gênero não significa o mesmo que sexo, isto é, o sexo refere-se à identidade biológica de uma pessoa e o gênero diz respeito à sua construção como sujeito masculino ou feminino. Enquanto as diferenças sexuais biológicas são naturais e imutáveis, o gênero é estabelecido por ajustes sociais, ou seja, varia segundo a época e padrões culturais e pode ser modificado. O conceito de Scott demonstra que as relações de poder entre homens e mulheres, assim como classes sociais e etnias estão presentes em todas as construções sociais. Nessa perspectiva, o poder está em todos os pontos da relação entre essas categorias sociais, configurando-se numa rede complexa.

No conceito foucaultiano de poder existem caminhos para articular gênero com outras variáveis, principalmente as de fundo racial, entendendo que as relações são formadas através de discursos nos *campos de forças sociais*. Portanto, é preciso analisar gênero e raça como categorias que ultrapassam esse círculo e que

permitem o entendimento das relações de poder. Por outro lado, não se pode negar que se as redes de poder estão ligadas num processo de construção social, também ocorrem as resistências por parte dos sujeitos responsáveis pelas transformações sociais. Essas relações estão presentes em todos esses processos e o gênero articulado à questão da cor não pode ser entendido com uma simples categoria, mas como uma relação de poder. Neste sentido, as práticas e os sujeitos são efeitos de poder e saber, os quais são fabricados nas diversas instituições presentes no meio social.

A desigualdade sexual e racial, assim como suas derivações podem ser amplamente discutidas nas análises sobre o processo educacional e nas relações escolares, entre professores e professoras e alunos e alunas, dirigentes do ensino e os que atuam em sala de aula, na educação diferenciada para meninos e meninas, apesar das classes mistas, nos estereótipos sexuais e de fundo racial derivados da cultura e que alcançam o nível escolar. Esse é também um campo propício para articular gênero e raça, e gênero e classe social. No primeiro caso, por hoje existem professoras negras atuando nas escolas, sinônimo da ascensão social e diversidade racial característica de países em desenvolvimento, sem esquecer-se do contingente de alunos e alunas pertencentes a essa etnia, o que apresenta um rico potencial de pesquisa na área da antropologia, da sociologia e da educação. No segundo caso, pelo fato dessas escolas receberem um maior contingente das classes populares, onde os mecanismos de exploração se apresentam com clareza na macroestrutura das relações capitalistas e na micro-estrutura das relações cotidianas, permeadas pelo simbólico e pelo imaginário, nas representações de gênero, raça, classe social, etnia e desempenho de papéis sexuais.

As considerações acima vêm mediando todo meu trabalho com a educação escolar, dado que a feminização do magistério no país é uma realidade desde o início do século XIX e os cursos de formação de professores continuam sendo freqüentados quase exclusivamente por moças em busca de uma profissão. Portanto, os resultados dos estudos que publico debruçam-se sobre essa temática.

## E finalmente...

Faz parte do meu modo de ser realizar vários projetos ao mesmo tempo, ponho-os numa lista de espera que nunca é respeitada e faço aquilo que minha vontade ordena. Claro que isso conflita com aquilo a que muitos denominam rigor acadêmico, embora isso não me importe em absoluto. Gosto da vida em várias cores, tons, sons e cheiros e um dia passado no jardim de minha casa em Araraquara com meus cães, meus pássaros, minhas flores e as tartarugas da fonte é tão produtivo quanto as inúmeras horas na universidade ou em frente ao computador. Ou, simplesmente caminhar entre o caos de São Paulo, ouvindo sua vida rugir e as pessoas correndo à sua volta. É assim que me organizo e se me exijo tanto, também costumo me perdoar com frequência.

Assumo essa postura perante a vida e não a desmereço, há que se *Honrar la vida*, conforme canta tão lindamente Mercedes Sosa. E eu faço por viver em plenitude e encher meus olhos de beleza antes que acabe, como é inexorável. E tenho honrado cada momento: nas *calles* musicais de Buenos Aires, na neve de Bariloche, nas majestáticas avenidas de Lisboa, no frio de Londres e Boston. Caminhei pelo mundo com asas nos pés como um dia me disse minha mãe que eu o faria. Mergulhei em caminhos de neve nas florestas da Áustria, me deslumbrei no Louvre em Paris, atravessei lagos gelados na Alemanha e Suíça, com direito a quilos de chocolate sem culpa. Andei na fria Veneza em pleno inverno onde ouvi o lamento dos amantes mortos na Ponte dos Suspiros. Em Florença o David de Michelangelo me deixou com os olhos cheios de lágrimas. Em Roma pude ver o Moisés e a magnífica Madona com o filho morto nos braços. E quando caminhei pelas *ramblas* cheias de flores de Barcelona agradei a Deus por ter sido tão abençoada.

Andei muito por este mundo, sozinha e ao lado de seres muito amados e conclui que o meu país é o mais lindo de todos, as praias de Natal e Fortaleza, o bulício de Salvador, o relevo montanhoso do Sul, o espantoso rugir da vida paulistana e cada canto desta terra magnífica que foi dado conhecer e viver – o Brasil. Não há nisso um senso limitado de nacionalismo ingênuo, apenas um grande e profundo amor pela minha terra e pelo seu

povo, que ilumina cada dia de minha vida, embora não desconheça seus graves problemas.

Quando tenho tempo (e isso quase nunca acontece), me dedico a uma antiga paixão, escrever ficção. Publiquei dois livros de contos: *O quarto fechado* (2003) e *Amor a Três* (2005), este último com dois amigos escritores. Já ganhei alguns prêmios discretos nessa área e um bem interessante que me levou a Londres. Sempre que posso reinicio a escrita de um romance que não consigo acabar, mas que está escrito na minha mente em cada detalhe. Porém, consegui terminar um livro de poesias que talvez um dia publique e onde me coloquei por inteiro e desnudei minha alma sem pejo. Onde falei de amor, da saudade que sinto de minha mãe, da alegria pelos amigos que conquistei, da plenitude da maternidade, do meu amor pelas plantas e bichos, e agora certamente farei um dia um belo poema para Arthur, meu primeiro neto que chegará neste inverno de 2009 e que preencherá minha vida de alegria. Minha família ficou grande, antes éramos apenas eu e meus filhos ao redor de uma mesa. Agora tenho Luis Fernando, meu companheiro há mais de duas décadas; Júlia, a filha que não tive; minhas noras-filhas Elaine, Thaís e Marcela. E Arthur, que me emociona e deslumbra antes mesmo de nascer. E a mesa ficou pequena. Minha vida se completa nesse ciclo e a honro plenamente em tudo que realizo hoje e realizarei amanhã.

Apesar dos abalos sofridos ao longo de minha vida pessoal e profissional acredito na vida, no amor e na educação, uma crença que compartilho com amigos e educadores. Para mim, educadores são todos aqueles que têm a ousadia de falar, de tomar partido, de manifestar-se, de escrever, de expor suas ideias, de lutar pela liberdade, pela igualdade, pela justiça, mesmo correndo riscos. As palavras têm poder se nós, educadores, acreditarmos que isso faz diferença. Dessa crença dependem nossos sonhos. E, quem sabe, poderemos fazer parte da construção desse novo mundo que se delineia neste novo século? Pois, participar, se envolver, mergulhar fundo nas dúvidas, questionar certezas é um processo doloroso, principalmente quando o caminho da omissão e do comodismo sempre foi o mais fácil. Nisso reside nosso livre arbítrio, nossa possibilidade de escolher.

Fecho este memorial com um canto de esperança e mesmo assim, de ainda estar na fila de outras realizações, pois eu,

*Trago dentro do meu coração,  
Como num cofre que se não pode fechar de cheio,  
Todos os lugares onde estive,  
Todos os portos a que cheguei,  
Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,  
Ou de tombadilhos, sonhando,  
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero!*

*(Fernando Pessoa, O eu profundo e os outros eus, 1980)*